

Revisitando Marie Langer

Conhecer Marie Langer (1910-1987) pressupõe adentrar uma vida que está intimamente ligada a sua obra. Uma não existiu sem a outra. Vida e obra se ressignificaram mutuamente, de maneira iterativa. Em alguns autores há grande dissociação entre ambas, e a obra pode adquirir dimensões que não se relacionam com a vida do autor. Já em outros essa relação é muito frutífera e vale a pena ser considerada.

Recordemos brevemente que ela nasceu em Viena como Marie Glas Hauser, se formou em medicina na Universidade de Viena e ingressou na Sociedade Psicanalítica de Viena iniciando sua análise didática com Richard Sterba. Seus interesses sociais e sobre a condição feminina se manifestaram muito cedo em sua vida. Casou-se com o médico Max Langer, sendo ambos membros da Federação Juvenil Comunista em Viena. Essa atividade foi vetada pela Associação Psicanalítica Internacional e, com o avanço do nazismo, o casal partiu para a Espanha a fim de participar da Guerra Civil Espanhola, no lado republicano, antifranquista.

A seguir ela se exilou, primeiro no Uruguai e depois na Argentina, onde esteve entre os fundadores da Associação Psicanalítica Argentina (APA) em 1942. Em 1951 publicou o livro *Maternidad y sexo*, que refletia seu interesse sobre as problemáticas das mulheres. Sua visão entrelaçava a psicanálise com o social-antropológico. Nessa época predominava na Argentina uma forte influência kleiniana, e depois começaram a chegar as ideias de Lacan.

Situo Marie Langer como uma psicanalista de antecipação. Por um lado, com um olhar que incluía o mundo externo na construção da subjetividade, e não só o pulsional interno. Na APA, essa linha teve como precursor Pichon-Rivière, e depois um de seus principais expoentes foi José Bleger. No caso de Marie Langer, isso envolvia ainda outro olhar sobre a subjetividade feminina e a maternidade, temas acerca dos quais não se admitiam debates na psicanálise oficial, mas que já eram discutidos em sua Viena natal – embora fosse a Viena imperial, era também a Viena da secessão, do modernismo, com novas propostas na arte, no jornalismo e na crítica social (Klimt, Kokoschka, Schiele, Karl Kraus, e muitos outros), e ainda a Viena vermelha, onde se expandiam o feminismo e os movimentos sociais de esquerda desenvolvidos na Alemanha (Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo, entre outras).

Na conturbada Argentina dos anos 1970, um movimento crítico foi sendo gestado na APA, até ganhar forma nos grupos Plataforma, liderado por Marie Langer, e Documento. Nesse momento, ela voltou a ser uma militante política ativa, foi ameaçada pela Triple A (Aliança Anticomunista Argentina, AAA), se exilou no México e desenvolveu intercâmbios com Cuba e Nicarágua. Nessa fase, expandiu seus estudos e pontos de vista sobre a condição feminina, como podemos constatar em seu artigo no livro *Cuestionamos 2* (Langer, 1973), organizado por ela.

Marie Langer foi uma profeminista ou, mais precisamente, uma feminista antes que o feminismo se expandisse como movimento social para além de minorias já existentes. Ela se propôs a articular a psicanálise com contribuições interdisciplinares e sociais que lançaram luz sobre a situação das mulheres no mundo, e também sobre a discutida interpretação teórica psicanalítica acerca da condição feminina.

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

Nesta breve apresentação, considero essencial destacar algumas problemáticas para compreender sua figura e suas contribuições:

1) Confrontar as ideias psicanalíticas sobre as mulheres com os discursos vigentes, as relações de poder e os ideais e interesses sociais predominantes em cada época.

2) Nesse contexto, verificar se as problemáticas das mulheres devem ser analisadas apenas a partir do pulsional, do mundo interno, ou se é fundamental cruzar as imprescindíveis contribuições da psicanálise com as variáveis antes mencionadas.

3) Abordar um tema crucial para a psicanálise: a partir de que teorias, metateorias e epistemologias a posição feminina é analisada.

Essas revisões remetem ao que identifica a psicanálise atualmente.

Assim, vou me centrar nas propostas (e ideais) de Marie Langer sobre as mulheres, a maternidade e a família – quais se mantêm vigentes e quais foram reformuladas. Insisto na perspectiva de que muitas de suas ideias foram modificadas por ela mesma ao longo da vida.

No plano psicanalítico, isso pressupõe abordar os debates atuais sobre a condição feminina – a maternidade, o desejo e a sexualidade feminina. Implica também seguir pondo em tela temas que ainda não se esgotaram, como o papel do biológico, a inveja do pênis e a ordem fálica.

Com esses pontos, ressaltamos que muitas das problemáticas apresentadas por Marie Langer no campo psicanalítico ainda se mantêm, embora hoje outras contribuições as enriqueçam, ampliem ou reformulem. Além disso, os vários feminismos atuais, acadêmicos e sociais, oferecem outras ferramentas para sua expansão e melhor compreensão.

Meu objetivo é, por um lado, traçar um itinerário de suas ideias entre duas de suas obras, distantes no tempo: *Maternidad y sexo* (1951) e *Cuestionamos 2* (1973); por outro lado, alinhar as propostas de Langer com desenvolvimentos atuais sobre o feminino e as mulheres, a partir de um ponto de vista psicanalítico e interdisciplinar.

De *Maternidad y sexo* a *Cuestionamos 2*

Já faz várias décadas que Marie Langer, em *Maternidad y sexo* (1951), destacou uma problemática particular: quando a maternidade era um destino inescapável para as mulheres, isso coexistia com o auge da histeria e da repressão da sexualidade. Posteriormente, a maternidade foi deixando de ser uma finalidade única e inexorável, e começaram a aparecer mulheres que não eram mães, coincidindo com uma maior liberdade sexual e social. A autora ressaltou que, nessas condições, diminuíram a histeria e a repressão da sexualidade, e passaram a ser mais frequentes as somatizações e os transtornos funcionais nas funções maternas.

Cabe assinalar que, nessa observação, ela enfatiza a ideia de que a maternidade, mesmo com seus conflitos, sempre representou, ao longo da história, um acesso simbólico facilitado para as mulheres no universo dos laços sociais. Trata-se de uma marca simbólica que faltaria à feminilidade, segundo algumas vertentes teóricas, e que só seria alcançada por meio da maternidade. Dessa maneira, ao se diluir a sustentação simbólica representada pela maternidade, começariam a se expressar outros tipos de transtorno, agora de ordem psicossomática?

Lembremos que, em *Maternidad y sexo*, Marie Langer já estava reconsiderando um fato até então indiscutível: o de que a maternidade era o destino *princeps* da sexualidade feminina. Essa última posição foi defendida por Freud (1925/1976a) em suas abordagens do desenvolvimento psicolibidinal da menina, baseadas na inveja do pênis, na hostilidade em relação à mãe, na mu-

dança de objeto da mãe para o pai e na mudança de zona erógena do clitóris para a vagina. Esse caminho, guiado pela inveja do pênis, a conduziria ao desejo de ter um filho, primeiro com o pai e depois com outro homem. Essa interpretação de Freud permanece viva, ainda que com mais sofisticação, em alguns setores da psicanálise contemporânea.

Como afirmei em outras publicações (Glocher Fiorini, 2001a, 2001b), essas propostas sempre relegaram a um lugar secundário na teoria a noção de uma sexualidade feminina, não materna e não histórica, com consequências clínicas importantes. Alguns também dizem que histeria e feminilidade são equivalentes, e essa é outra discussão que merece ser enfrentada.

Nesse sentido, Foucault (1984/1995) já tinha assinalado haver nas sociedades uma forte tendência a equiparar histeria e feminilidade: a histerização das mulheres. Recordemos que, segundo Melman (1985), é preciso diferenciar entre incitar o desejo para depois negá-lo e sustentar o desejo como parte dos jogos de sedução.

Por outro lado, e até hoje, a maternidade é uma questão basicamente das mulheres, e a paternidade, dos homens, com papéis classicamente atribuídos a cada gênero. As novas subjetividades emergentes no cruzamento da modernidade com a pós-modernidade (ou modernidade tardia) desafiam esses parâmetros. Tanto as relativamente recentes técnicas de reprodução assistida quanto as novas modalidades de família e casal põem em xeque os papéis fixos, assim como as transexualidades desafiam o poder das determinações anatômicas. A diferença sexual e de gêneros se desvanece (Glocher Fiorini, 2015).

Em outras palavras, a maternidade enquanto destino *princeps* das mulheres, como Freud defendia, começou a ser questionada de fato nas culturas ocidentais, especialmente em certos estratos sociais e grupos, e isso foi detectado muito cedo por Langer, em suas observações clínicas e sociais.

Nesse livro, ela enfatiza a noção de maternidade apoiada numa forte base instintiva. Ressalta ainda que, embora a mulher que não é mãe possa sublimar os aspectos criativos, isso sempre tem um efeito negativo em sua vida. Esse ponto foi discutido posteriormente, a fim de marcar a diferença entre a reprodução instintiva no reino animal e a maternidade em sentido simbólico no humano, que transcende em muito a base instintiva, como afirmou Chodorow (1978/1984).

Atualmente seria possível acrescentar que a maternidade também depende das particularidades de cada subjetividade, dos próprios desejos, das expectativas sociais e familiares, da capacidade para sublimar e elaborar lutos criativos, entre outras variáveis.

O enfoque de Marie Langer nesse livro é basicamente kleiniano, como correspondia àquele momento da psicanálise. Retoma o debate Freud-Klein sobre inveja do pênis primária e secundária, e sustenta a posição kleiniana de que a inveja do pênis é uma condição secundária. Isso se conjuga com a proposta de Klein de haver uma feminilidade primária na menina, e não secundária, como queria Freud.

O que estava em jogo a partir de Klein (1945/1964) era o questionamento da afirmação freudiana de uma inveja do pênis primária na menina, que a conduziria a afastar-se da mãe por não tê-la dotado do órgão “correto”. Ou seja, para Freud a menina era, no começo da fase fálica, um menininho: havia uma masculinidade primária. A posição freudiana também foi abordada no conhecido debate Freud-Jones, assim como por psicanalistas do entorno de Freud, como Josine Müller e Karen Horney.

Se retornamos a Marie Langer, vemos ainda que ela insiste nas relações pré-edípicas da menina com a mãe para poder exercer a maternidade de forma amorosa.

Da leitura do livro surgem observações que mostram a complexidade do tema, embora à primeira vista possam parecer contraditórias. Por um lado, como assinalamos, uma ênfase nas

relações pré-edípicas, que proporcionariam identificações bem-sucedidas para a maternidade, considerada o destino e itinerário privilegiado das mulheres, ao que acrescenta que a não maternidade, mesmo no caso de sublimações, permaneceria como um luto não resolvido.

Por outro lado, um reconhecimento de que já nesse momento a maternidade não era o único destino possível para algumas mulheres, o que abriu espaço para outro tipo de escuta e interpretação. Trata-se de observações de Marie Langer que descrevem muito bem as mudanças de época e suas contradições, além de revelar uma psicanálise em movimento, atenta a essas mudanças.

Hoje podemos repensar se sempre existe esse luto não resolvido, bem como perguntar-nos se a não maternidade conduz inexoravelmente a expressões psicossomáticas. Atualmente, com base em observações clínicas, acreditamos não ser possível estabelecer essa relação de maneira taxativa.

Isso nos conduz ao lugar do corpo e do biológico, tema que Marie Langer também abordou. É possível deixar de lado o biológico? Em contrapartida, o biológico pode ser o determinante, a causa última, quando falamos do âmbito humano? Para pensar essas questões, é necessário introduzir outras contribuições epistemológicas, que permitam sair da monocausalidade.

Nesse ponto nos detemos, damos um salto no tempo e passamos a analisar as ideias de Langer duas décadas mais tarde.

Em *Cuestionamos 2* (1973), a autora trata mais claramente dos aspectos socioculturais da época estabelecendo um fio condutor com os trabalhos antropológicos de Margaret Mead, que já tinha incluído em *Maternidad y sexo*. Mas em *Cuestionamos 2* aparece de maneira mais nítida sua leitura de Marx, Engels (sobre a família e o lugar das mulheres) e Fidel Castro. Nesse artigo aborda significativamente a ordem social, o que também implica a ideologia e a política. Seus ideais estavam em jogo.

Cabe destacar ainda sua referência aos estudos de Isabel Larguía sobre o invisível nas mulheres, associando o trabalho doméstico invisível com o “invisível” de seus genitais. Aqui seria preciso focalizar o tema amplamente discutido acerca do que se denomina invisível. Em outras palavras, se o que se tem é insuficiente em relação a um modelo completo, valeria lembrar que a teoria da percepção não indica uma insuficiência exceto em relação a um modelo preestabelecido. No plano psicanalítico isso remete a uma interpretação, semelhante à investigação sexual infantil (Freud, 1908/1976c).

Nesse artigo, Langer revê as perspectivas sobre a amamentação a partir da observação dos cuidados coletivos de meninos e meninas em Cuba, e ressalta as capacidades maternas e paternas do grupo. Com isso se distancia da etapa anterior, em que o foco se dirigia predominantemente ao pré-edípico e à maternagem, atribuída de modo exclusivo às mulheres. Tendo essas experiências por base, também se pergunta se a amamentação é tão essencial como em geral se afirma.

Contudo, essas experiências coletivas não se mostraram tão bem-sucedidas como se esperava e foram abandonadas na atualidade. Apesar disso se deveria resgatar o que elas mostram acerca das funções maternas e paternas, sempre atribuídas especificamente a mães e pais, e que hoje não são incumbência estrita de mulheres e homens. Ressaltamos que a presença de outras subjetividades, não convencionais, torna a questão muito mais complexa.

Nesse sentido, como afirmei em outros trabalhos, as funções podem ser exercidas de maneira independente de anatomia e gênero, e compartilhadas e intercambiadas pelas pessoas cuidadoras. Propus denominar *função terceira simbólica* (Glocher Fiorini, 2013, 2015) o que se conhece como função paterna, para evitar suas inevitáveis conotações patriarcais, e *funções de cuidado* o que se atribui à função materna, que também pode ser exercida por outras pessoas.



Sophie Calle
Take care of yourself. Children's writer, Marie Desplechin | Prenez
soin de vous. Écrivain pour la jeunesse, Marie Desplechin, 2007.
© Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

O social

Os desenvolvimentos de Marie Langer abrem uma problemática crucial: põem em jogo as conexões e mecanismos de transmissão entre os ideais e normas do contrato social e o campo pulsional, tudo isso no âmbito da triangulação clássica da família burguesa.

Dito de outra forma, das investigações de Langer surge a necessidade de encontrar relações e conexões entre o social, o psicanalítico e a construção da subjetividade nas mulheres. Entram em jogo os ideais, as idealizações e as relações de poder.

Não se trata apenas de reconhecer a existência dessas conexões, que já haviam sido indicadas, mas de poder estabelecer e reconhecer esses mecanismos de transmissão. A nosso ver, é necessário incluir aqui as contribuições de Piera Castoriadis-Aulagnier (1975/1977) e Laplanche (1999/2001).

O conceito de projeto identificatório de Aulagnier é uma via de transmissão privilegiada, em que a mãe é portadora de enunciados identificatórios que marcam as origens da subjetividade, e em que devemos incluir os ideais de gênero. Do mesmo modo, as noções de significante enigmático e de primado do outro na obra de Laplanche lembram haver significantes que carregam enigmas – entre outros, sobre os gêneros e a diferença sexual – e aludem a que lugar deveria corresponder a cada recém-nascido e como são decodificados ao longo da vida.

Langer nos fala do patriarcado como um problema estrutural. É preciso recordar que, para alguns psicanalistas, o patriarcado deixou de existir a partir do chamado declínio do pai, já apontado por Lacan. No entanto, quando observamos o fenômeno do feminicídio, herdeiro do direito romano e do *pater familias*, dono das mulheres e das crianças, e também em linha direta com a Inquisição e a perseguição às bruxas, e quando refletimos sobre as desigualdades existentes em distintas latitudes e culturas, incluindo o Ocidente, vemos que esse declínio assume novas formas para continuar existindo.

Ou seja, na atualidade tal fenômeno se mantém em muitas sociedades ocidentais sob distintas configurações, o que denominamos neopatriarcado, enquanto em outras sociedades continua vigente sob moldes mais tradicionais.

Um segundo olhar sobre a obra de Marie Langer

A intenção deste artigo foi revisitar as contribuições de Langer ao estudo da condição feminina, à luz das mudanças que a passagem do século XX para o XXI produziu no que diz respeito ao lugar da mulher, às organizações familiares, aos desenvolvimentos em tecnologia e biotecnologia em especial, assim como, no plano interdisciplinar, aos desenvolvimentos sobre gênero e pós-gênero, às teorias *queer*, às contribuições do feminismo acadêmico e de variantes como o ecofeminismo, o feminismo filosófico, o ciberfeminismo, o feminismo pós-colonial e o feminismo negro.

Lembremos que sua obra se desenvolveu em momentos de grande convulsão social no mundo e na Argentina, que contribuições fundamentais do campo epistemológico se estabeleceram com força posteriormente, e que os movimentos sociais feministas e suas variantes se tornaram visíveis e se expandiram de forma massiva mais tarde.

Tudo isso no contexto de desenvolvimentos no campo psicanalítico que ampliaram profundamente o olhar sobre as questões que Langer já havia observado com muita agudeza.

Hoje podemos pensar a partir de lógicas complexas as problemáticas que Marie Langer delineou com tanta precisão e que adquirem um caráter antecipatório capital (Glocher Fiorini, 2001a, 2001b, 2015). Isso implica:

1) Focalizar a questão da diferença biológica e anatômica, e seu impacto na condição feminina, que sempre foi pensada em termos valorativos/subalternos na teoria e na clínica (Glocher Fiorini, 2001a, 2001b), relegando a segundo plano outros fatores.

2) Abordar a complexidade das relações entre variáveis tão heterogêneas quanto a anatomia, o campo das identificações – especialmente de gênero – e o campo do desejo e da escolha de objeto. Não apenas suas articulações, mas também suas discordâncias irreduzíveis (Glocher Fiorini, 2001a, 2001b). Isso só pode ser feito a partir de outras lógicas contemporâneas, que se posicionam além da lógica binária, ainda que a incluam.

3) Incorporar o cultural-social-discursivo ao campo psicanalítico, o que envolve ir além das posições que afirmam que o social é outra área, distinta da psicanálise, e analisar como os discursos sociais se introduzem nas conceituações psicanalíticas e interagem com o campo pulsional na construção da subjetividade.

4) Reconceituar o campo do desejo nas mulheres. Estamos diante da problemática da idealização da maternidade e de um desmentido da condição desejante das mulheres, que vai além do desejo de filho. A isso se acrescenta um tema-chave: de que maneira se pensa o desejo de filho e, mais ainda, o desejo em geral. Como afirmamos em outros trabalhos, a descrição freudiana (Freud, 1925/1976a, 1924/1976b, 1923/1976d) do complexo de Édipo feminino demanda revisão (Glocher Fiorini, 2015). Para isso, tomei por base a concepção de Deleuze (1977/1995) sobre o desejo. Esse autor diz que o desejo não se define por uma falta essencial; em vez disso, o desejo é produção, *poiesis*. Ressalta que a falta é parte do desejo, mas não sua origem e causa última.

5) Analisar os estudos de gênero e pós-gênero, e verificar quais de suas contribuições podem ampliar um olhar psicanalítico sobre o feminino. Para isso, é preciso conceber o gênero em sentido amplo, em movimento, e não como categoria estanque, completa, com significado fixos.

Trabalhar os pontos mencionados me levou a considerar as ideias de Langer sobre as mulheres a partir do paradigma da complexidade, das intersecções das variáveis indicadas, seguindo o modelo que usei para pensar o feminino em geral:

- o biológico-anatômico
- as identificações de gênero
- o desejo e a escolha de objeto
- a outridade e os discursos sociais
- as relações de poder

Essas variáveis e suas combinações ultrapassam o binarismo clássico da dicotomia masculino-feminino. Não anulam os dualismos – isso seria impossível, porque fazem parte da cultura –, mas vão além deles. Ou seja, os dualismos são incluídos em complexidades maiores (Morin, 1990/1995).

Acrescento ao paradigma da complexidade as ideias que Trías desenvolveu na obra *Lógica del límite* (1991). Esse filósofo afirma que o ser se constitui no *limes* (limite), e considera o limite não como uma linha que divide dois espaços, mas como um terceiro espaço com leis próprias. Se abordamos a relação mundo externo-mundo interno com base nisso, encontramos outra forma de pensar a relação complexa entre ambos, o que permite incluir o campo da outridade em todas as suas dimensões e aprofundar as formulações de Langer sobre o impacto do social em geral. O espaço transicional de Winnicott (1959/1991) é um exemplo dessa lógica conjuntiva-disjuntiva.

Tudo isso implica dizer que a psicanálise não é uma disciplina independente e fechada, mas que está imersa, desde a origem, no texto e no contexto discursivo e sociocultural em que surgiu. O mesmo acontece com cada psicanalista. Esses movimentos percorrem a obra de Marie Langer e marcam muitas das questões que investigou.

Também incluo os desenvolvimentos de Langer num momento histórico que segue vigente. Celia Amorós (1985/1991) dizia que o Iluminismo e a Revolução Francesa afirmaram a condição de sujeito para os homens, mas não para as mulheres. Quando os processos desconstrutivos próprios da modernidade tardia surgiram, a desconstrução do sujeito (masculino) da modernidade se apresentou num momento em que as mulheres ainda não tinham alcançado o *status* de sujeito.

O trabalho de historização é parte da psicanálise e está presente na obra de Langer. Segundo Bourdieu (1998/2000), o trabalho de historização é imprescindível para evitar a naturalização das diferenças em termos de valores. Em seu estudo dos berberes da Cabília, ele observou que as mulheres caminhavam encurvadas atrás dos homens, e que nessas tribos isso era considerado uma característica biológico-anatômica das mulheres. Esse autor afirmou ser necessário um trabalho de historização para desnaturalizar o que tinha sido naturalizado. Um dos principais eixos na produção de Marie Langer se volta para esse objetivo.

A obra de Langer mostra ainda outro paradoxo, constatado nas sociedades atuais e que tem impacto nos estudos acadêmicos. Procura-se um aprofundamento nas teorias sobre as mulheres e o feminino, que sem dúvida reverberam na clínica e na sociedade em geral. Isso envolve os estudos de gênero. Ao mesmo tempo, porém, os estudos *queer* e pós-gênero propõem uma dissolução/desconstrução dos gêneros. Nesse sentido, vão além dos gêneros, deixando em aberto suas possíveis determinações na construção da subjetividade. Essa é uma discussão atual que merece ser abordada em profundidade (Braidotti, 1994).

Em outras palavras, reconsiderar o *status* feminino se situa numa condição paradoxal. Há determinantes de gênero que causam impacto nas mulheres, na construção da subjetividade e, em suma, na psicanálise. Isso entra em contradição com muitas propostas atuais sobre a necessidade de ir além dos gêneros para pensar os processos de subjetivação.

A obra de Marie Langer também se situa nessas contradições.

Para pensar suas contribuições, utilizo o conceito de *cronotopo* de Bakhtin (1975/1989): uma obra situada no cruzamento do tempo e do espaço. Tempo de transição/espço de transição. Cronotopo implica movimento, devir.

Indo um pouco mais longe, proponho refletir sobre a condição feminina nessa época do pós-humano e do questionamento dos gêneros. A noção de ciborgue formulada por Haraway (1984/1991) no fim do século XX apresenta seres meio humanos, meio máquinas. Nesse contexto, a partir de que lugar e como se pensam as diferenças e as desigualdades de gênero?

Em suma, o caráter antecipatório da obra de Marie Langer a situa como um antecedente que deve ser reconsiderado à luz das ideias atuais sobre as mulheres e o feminino.

Referências

- Amorós, C. (1991). *Hacia una crítica de la razón patriarcal*. Anthropos. (Trabalho original publicado em 1985)
- Bajtín, M. (1989). Las formas del tiempo y del cronotopo en la novela. Em M. Bajtín, *Teoría y estética de la novela* (H. S. Kriúkova & V. Cazcarra Cremallé, trad., pp. 237-410). Taurus. (Trabalho original publicado em 1975)
- Bourdieu, P. (2000). *La dominación masculina*. Anagrama. (Trabalho original publicado em 1998)
- Braidotti, R. (1994). *Sujetos nómades*. Paidós.
- Castoriadis-Aulagnier, P. (1977). *La violencia de la interpretación: del pictograma al enunciado*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975)
- Chodorow, N. (1984). *El ejercicio de la maternidad*. Gedisa. (Trabalho original publicado em 1978)
- Deleuze, G. (1995). *Conversaciones*. Pre-textos. (Trabalho original publicado em 1977)
- Foucault, M. (1995). *Historia de la sexualidad 1: la voluntad de saber*. Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1984)
- Freud, S. (1976a). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 19). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1976b). El sepultamiento del complejo de Edipo. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 19). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1976c). Sobre las teorías sexuales infantiles. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 9). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1976d). El yo y el ello. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 19). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Glocher Fiorini, L. (2001a). *Lo femenino y el pensamiento complejo*. Lugar.
- Glocher Fiorini, L. (2001b). El deseo de hijo: de la carencia a la producción deseante. *Revista de Psicoanálisis*, 58(4), 965-976.
- Glocher Fiorini, L. (2013). Deconstruyendo el concepto de función paterna: un paradigma interpelado. *Revista de Psicoanálisis*, 70(4), 671-681.
- Glocher Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones*. Lugar.
- Haraway, D. J. (1991). Manifiesto para *cyborgs*: ciencia, tecnología y feminismo socialista a finales del siglo XX. Em D. J. Haraway, *Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza*. Cátedra. (Trabalho original publicado em 1984)
- Klein, M. (1964). El complejo de Edipo a la luz de las ansiedades tempranas. Em M. Klein, *Contribuciones al psicoanálisis*. Hormé. (Trabalho original publicado em 1945)
- Langer, M. (1951). *Maternidad y sexo*. Paidós.
- Langer, M. (1973). La mujer: sus limitaciones y potencialidades. Em M. Langer (comp.), *Cuestionamos 2* (pp. 255-277). Granica.
- Laplanche, J. (2001). *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1999)
- Melman, C. (1985). *Nuevos estudios sobre la histeria*. Letra Viva.
- Morin, E. (1995). *Introducción al pensamiento complejo*. Gedisa. (Trabalho original publicado em 1990)
- Trías, E. (1991). *Lógica del límite*. Destino.
- Winnicott, D. W. (1991). El destino del objeto transicional. Em D. W. Winnicott, *Exploraciones psicoanalíticas*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1959)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte